



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

DÉBORA JAINE MORAIS DA SILVA

**O NEGRO, A PERIFERIA E A VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DO CONTO “ZAÍTA
ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**CAMPINA GRANDE
2022**

DÉBORA JAINE MORAIS DA SILVA

O NEGRO, A PERIFERIA E A VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DO CONTO “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Português.

Área de Concentração: Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira

**CAMPINA GRANDE
2022**

E expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586n Silva, Debora Jaine Morais da.
O negro, a periferia e a violência [manuscrito] : uma análise do conto "Zaita esqueceu de guardar os brinquedos", de Conceição Evaristo / Debora Jaine Morais da Silva. - 2022.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Violência. 2. Literatura. 3. Negro. 4. Conto. I. Título

21. ed. CDD 801.95

DÉBORA JAINE MORAIS DA SILVA

O NEGRO, A PERIFERIA E A VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DO CONTO “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Português.

Área de Concentração: Literatura.

Aprovado em: 28/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Silvanna Kelley Gomes de Oliveira

Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Monalisa Barboza Santos Colaço

Profa. Ma. Monalisa Barboza Santos Colaço
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Com todo meu amor e gratidão, dedico este trabalho de conclusão de curso à Maria do Carmo Pereira. (*In memoriam*)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 A PRESENÇA DO NEGRO NA LITERATURA.....	7
2.1 Autoria negra e Conceição Evaristo.....	7
2.2 Estereótipos em personagens negros na literatura.....	10
3 PERIFERIA E VIOLÊNCIA NA LITERATURA.....	11
3.1 Pobreza e criminalidade na literatura.....	11
3.2 Literatura como denúncia social e violência como recurso estético-literário de Conceição Evaristo.....	13
4 UMA LEITURA DE ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS.....	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	18

O NEGRO, A PERIFERIA E A VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DO CONTO “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Débora Jaine Morais da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como se deu a gênese da violência na periferia e entender por que os negros são os que mais sofrem com essa prática. Utilizando como corpus o conto *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, materializado no livro *Olhos d'água* da autora contemporânea Conceição Evaristo que, através de narrativas bem estruturadas, utiliza a sua literatura como um veículo de denúncia social e resistência, temos como objetivos específicos: 1) Estudar a relação entre pobreza e criminalidade no conto; 2) Mostrar os desafios e dificuldades enfrentados pelos moradores da periferia e 3) Investigar como a autora denuncia os problemas sociais utilizando a morte de uma criança como mote. Para a análise, surgiu a necessidade de realizar um breve estudo relacionando as concepções literárias com a negritude. Para a investigação e contextualização do problema, será realizada uma pesquisa bibliográfica através de fontes científicas, oriundas de artigos, sites e livros com apontamentos teóricos de Candido (2011), Proença Filho (2004), Dalcastagnè (2011), Resende (2008), Chauí (2017) entre outros. Desta forma, pretendemos que os resultados alcançados através desta pesquisa sirvam como base teórica para subsidiar debates no tocante ao papel que o negro ocupa em nossa sociedade.

Palavras-chave: Violência. Literatura. Negro. Conto.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the genesis of violence in the periphery and understand why blacks are the ones who suffer most from this practice. Using as corpus the short story *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, materialized in the book *Olhos d'água* by the contemporary author Conceição Evaristo who, through well structured narratives, uses her literature as a vehicle of social denunciation and resistance, we have as specific objectives: 1) To study the relationship between poverty and criminality in the story; 2) To show the challenges and difficulties faced by the residents of the periphery and 3) To investigate how the author denounces the social problems using the death of a child as a motto. For the analysis, the need arose to conduct a brief study relating literary conceptions with blackness. For the investigation and contextualization of the problem, a bibliographic research will be carried out through scientific sources from articles, websites and books with theoretical notes of Candido (2011), Proença Filho (2004), Dalcastagnè (2011), Resende (2008), Chauí (2017) among others. Thus, we intend that the results achieved through this research serve

¹ Aluna Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

as a theoretical basis to subsidize debates regarding the role that black people occupy in our society.

Keywords: Violence. Literature. Black. Short story.

1 INTRODUÇÃO

Conceição Evaristo vem se consagrando ao longo dos anos como uma importante voz no cenário literário brasileiro. Nascida em Belo Horizonte no ano de 1946, experimentou de perto a fome e tantas outras mazelas que acometem a vida de uma criança negra e periférica. Filha de mãe lavadeira e pai ausente, aos oito anos já trabalhava como doméstica na casa dos ricos. Dividindo-se entre as atividades do lar e a escola, aos doze anos venceu um concurso de redação no colégio, vitória que surpreendeu a todos, não era de se esperar muito de uma criança negra naquela época.

A educação, para Conceição Evaristo, se apresentou como um veículo de libertação, rompendo o histórico de subalternidade e lhe proporcionando ascensão pessoal e profissional. Graduada em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, mestre em literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC Rio e Doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Apesar de sua estreia na literatura em 1990, experimentou a sua glória como escritora após a publicação do livro *Ponciá Vicêncio* (2003), sendo bem aceito pelo público, a narrativa ficcional passou a integrar questões de vestibulares e servir como objeto de estudo por críticos literários diversos.

A literatura negra produzida por Conceição desempenha um papel fundamental para a preservação da memória dos afrodescendentes que por décadas, foram silenciados e apagados da nossa sociedade. As narrativas surgem para incomodar, denunciar e emocionar, por estarem imersas no campo literário todas essas ações são construídas poeticamente e de forma gradativa, proporcionando ao leitor a experimentação das angústias sentidas pelas personagens.

Atualmente, Evaristo detém o lugar de fala e visibilidade que foi negado a grande maioria das escritoras e escritores negros do país. O termo *escrevivência*, criado pela própria autora, mescla suas histórias pessoais com a do seu povo, permitindo, a construção de novas narrativas sob a ótica de pessoas negras assim como ela. Sobre o termo citado, Cristiane Côrtes diz que:

A palavra *escrevivência* é um neologismo que, por uma questão morfológica, facilmente compreendemos do que se trata. A ideia de juntar escrita e experiência de vida em vários textos ligados a literatura contemporânea. Entretanto, Evaristo se apropria do termo para elucidar o seu fazer poético e lhe fornece contornos conceituais (CÔRTEZ, 2016, p. 52).

Importante mencionar também que as mulheres exercem um papel central no projeto poético de Conceição, pois, estas sempre são caracterizadas como as protagonistas, como a voz principal.

A literatura contemporânea rompe o tradicionalismo ao se alimentar do presente. Cedendo lugar e dando visibilidade aos temas sociais, o conjunto de obras enquadradas nessa categoria, representam uma importante fonte de dados utilizados

para acompanhar as mudanças e transformações que ocorrem em nossa sociedade através dos olhares atentos dos escritores.

Visando realizar uma pesquisa relevante e prazerosa para o trabalho de conclusão de curso, baseando-se em tudo o que foi apreendido ao longo dos anos de formação, surge, então, um projeto de pesquisa com o objetivo de analisar a violência na periferia por meio da obra literária de Conceição Evaristo. Autora negra na qual exerceu em mim a representatividade, sororidade e a mudança de perspectiva pela qual eu enxergava o mundo e os fenômenos raciais e de gênero que me cercam desde o nascimento.

Para esse ensaio, foi escolhido o magnífico conto *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, presente no livro *Olhos d'água* (2016) vencedor do prêmio Jabuti, edição 2015. O livro se constitui por 15 contos, de modo que grande parte deles, revelam a luta dos afrodescendentes pela vida e dignidade, lutando contra o preconceito e a violência presente nas favelas e grandes centros urbanos.

Na história protagonizada pela doce e frágil Zaíta, a violência é ambientada no espaço periférico na qual a menina negra integra juntamente com a sua família. A garotinha, enquanto sai em busca do seu brinquedo preferido, acaba sendo morta por balas perdidas disparadas por traficantes que tentam dominar a favela, um deles é o seu próprio irmão. A riqueza de detalhes, as palavras leves e a criança enquanto vítima, provocam no leitor a angústia enquanto cidadão passivo que se cala diante dessas situações. O triste fim da criança representa a barbárie que vemos nos noticiários todos os dias, crianças vulneráveis sem a mínima proteção do estado têm seus corpos servindo como escudo para as balas perdidas dentro de suas casas ou enquanto aproveitam um momento de lazer.

Por se tratar de um problema histórico, a temática da violência atrelada ao indivíduo negro culminou em uma pesquisa de caráter bibliográfico subsidiada pela relevância bem como o lirismo presente nos textos literários.

A pesquisa justifica-se pela importância material presente nos escritos de Conceição Evaristo para a literatura brasileira contemporânea e a sociedade. É esperado que este trabalho sirva como objeto de investigação no tocante à violência contra os negros como também seja capaz de causar reflexões sobre o brutalismo que rodeia e interrompe a vida das crianças que habitam as periferias.

2 A PRESENÇA DO NEGRO NA LITERATURA

2.1 Autoria negra e Conceição Evaristo

Ao adentrarmos no mundo literário, uma infinidade de possibilidades nos é apresentada. Diferente do que costumamos ouvir na escola, a literatura não serve apenas para expressar os desejos mais íntimos daquele que a escreve; esta se configura também como um agente na construção da criticidade do indivíduo, pois, uma vez imersos no universo literário, nós, enquanto sujeitos sociais, passamos a enxergar o outro e o mundo através de novas perspectivas. Trazendo à discussão as ideias de Antônio Candido, além de considerar a literatura como um direito universal, ele afirma que ela também é intrínseca ao homem, pois:

Vista desse modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de

entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 2011, p. 176).

Logo, sabemos que o Brasil é um país detentor de um extenso acervo literário, mas que é pouco explorado no ambiente acadêmico e fora dele. Sofrendo ainda com a influência do cânone, a população constituída pelos afrodescendentes se distanciaram das letras, ou seja, muito se configuram como personagem e menos como escritores. Duarte (2013) se mostra curioso com esse fato, afirmando que mesmo sendo a maioria na sociedade, o cânone esmagou bem como tornou a presença dos negros opaca no cenário literário brasileiro, o autor também enfatiza que essa questão deveria incomodar, servindo de base para a realização de pesquisas.

Tanto a vivência negra quanto a escrita ainda são invisibilizadas e, neste contexto, é inegável que um dos muitos motivos pelos quais os escritos provenientes de autores negros sofreram e ainda sofrem tal apagamento advém, infelizmente, da era escravocrata, ou seja, da escravização atrelada ao preconceito, que contribuiu para a uma redução significativa das obras literárias produzidas por autores negros.

Tendo em vista que a assinatura da Lei Áurea no ano de 1888 resultou na soltura de milhares de ex-escravizados, mas sem as mínimas condições de subsistência, em consequência disso, passaram a viver sem moradia digna, serviços de saúde e acesso à educação. Essa negação aos direitos básicos fez com que os negros tornassem a viver em condições de dependência, afastando-se, assim, da sua condição de cidadão.

Trazendo ao debate as contribuições de Duarte (2013, p. 146-147), “Logo, uma série de omissões críticas se junta a fatores histórico culturais de modo a confinar o ensino da literatura aos nomes consagrados, deixando de fora importantes escritores negros.”. Para Michel Foucault (1979), não há como separar a verdade do poder, deste modo, a omissão citada acima por Duarte, cunhou o cânone literário como um espaço de poder e dominação, fazendo com que as obras taxadas como as canônicas mais se aproximem da influência do que do valor.

No tocante à autoria negra, a professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè buscou compreender tal questão, ao coordenar um grupo de estudos com o objetivo de mapear o romance brasileiro de 1990 a 2004, tendo como objeto de análise um *corpus* constituído por 258 obras pertencentes a autores brasileiros, publicados por três editoras de prestígio, são elas Editora Rocco, Companhia das letras e Record. Segundo Dalcastagnè (2011), é importante que tanto o leitor quanto o autor se reconheçam nas representações artísticas, a fim de legitimar suas múltiplas identidades.

A pesquisa de cunho bibliográfico revelou que espaço autoral brasileiro é ocupado majoritariamente por pessoas brancas, que correspondem a 93,9%, enquanto isso, os negros somam uma minúscula parcela de 2,4%. Portanto, presença de autores e narrativas negras ainda é escassa no acervo nacional, somado a isso, foi observado que a presença de personagens negros na literatura é um evento raro e suas representações são constituídas por estereótipos. Após a obtenção dos resultados, a pesquisadora reflete que:

É comum, ao se falar de literatura, pensar num campo de liberdade, lugar frequentado por qualquer um que tenha algo a expressar sobre o mundo e sua experiência nele. Das mais sofisticadas teorias – que afirmam a literatura como um espaço aberto à diversidade – às mais rasteiras argumentações, que a prescrevem como remédio para todas as mazelas sociais (da desinformação à ausência de cidadania),

podemos acompanhar o processo de idealização de um meio expressivo que é tão contaminado ideologicamente quanto qualquer outro, pelo simples fato de ser construído, avaliado e legitimado em meio a disputas por reconhecimento e poder [...]. (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 61-62).

Não podemos negar que houve avanços, movimentos sociais ganharam força e visibilidade, essas ações reverberaram no campo literário, fazendo com que a minoria, antes silenciada pelo cânone revelasse com excelência a sua condição de escritores, como no caso da escritora mineira Conceição Evaristo. Professora, negra, poetisa, feminista e criadora do termo “escrevivência”, a autora mescla em suas narrativas relatos de sua infância, como também destaca a luta do povo negro que tenta, de forma incansável, conseguir o seu espaço no mundo. Em relação a sua forma de “fazer” literatura, deixa claro que o texto não é mera produção do acaso ou surge de forma espontânea.

Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma ‘subjetividade’ própria vai construindo a sua escrita, vai ‘inventando, criando’ o ponto de vista do texto. [...] Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009a, p. 18)

A condição de mulher negra, ocupada pela autora, refletiu diretamente na sua forma de fazer ficção e observar os fenômenos ao seu redor. Acima, Conceição enfatiza que a cor da sua pele lhe permitiu, subjetivamente, vivenciar situações jamais experienciadas por uma mulher branca, já que socialmente as mulheres brancas e negras estão ligadas apenas pela condição de gênero. Em todas as esferas sociais, o racismo estrutural evidencia a superioridade do indivíduo branco, com isso, mulheres pertencentes a essa classe ocupam, também, a posição de opressora.

Conceição estreou na literatura tardiamente, aos 44 anos, publicando seus contos na série literária *Cadernos Negros*, um dos principais veículos de difusão da literatura afro-brasileira no Brasil. Mesclando poesia, ficção, relatos de sua vida e problematizando temas de cunho social, tornou-se uma escritora contemporânea consagrada, tendo suas narrativas traduzidas para vários idiomas e presentes em diversas provas de vestibulares.

Evaristo, não nasceu rodeada de livros, filha de uma mãe lavadeira que também cumpria todos os serviços domésticos com excelência, não entendia o motivo dessa profissão ser passada de mãe para filhas. Durante seu depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras em 2009, proferiu: “Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro” (EVARISTO, Belo Horizonte, 2009). A educação atuou na vida de Conceição Evaristo como um divisor de águas, rompendo a tradição de subalternidade e lhe trazendo a emancipação enquanto mulher, negra e escritora.

Sobre Conceição, Eduardo Duarte (2013, p. 151) diz: “suas tramas penetram nas vielas e territórios da exclusão social para trazer à cena o protagonismo negro”. Narrando sobre si e o outro, as obras evaristianas, comumente, discorrem sobre questões referentes à escrita feminina, memória, vivência na periferia, resistência e ancestralidade, fatores preponderantes para a construção e preservação da identidade do povo afrodescendente.

2.2 Estereótipos em personagens negros na literatura

Após a independência do Brasil, surgiu a necessidade de criação de uma literatura nacional e mais identitária, que representasse mais o nosso país e menos Portugal. Voltando nossos olhares para a gênese da formação brasileira, pautada na escravização, genocídio e silenciamento do povo negro, as obras que surgiram após esse período, escritas pela elite branca dominante ignorou totalmente a existência desse povo que com muito suor, lágrimas e sofrimento contribuíram para a formação da nossa sociedade. Excluídos de muitos espaços, os negros também não conseguiram protagonismo na literatura.

Domício Proença Filho (2004, p. 161) diz que: “A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade.”. Não é de desconhecimento público que os negros, tanto no campo literário quanto fora dele, foram e são tratados com desdém. Voltando nossos olhares para a temática em questão, as obras literárias, por muito tempo, caracterizaram os afrodescendentes como objeto, distanciando-os assim, posição de sujeito. A visão do branco racista, acarretou no estereótipo do negro preguiçoso, bandido, escravo, sem racionalidade e ocupantes de espaços sujos e desorganizados, menosprezaram a cultura, as crenças, os rituais e sexualizaram seus corpos.

Com a tentativa de quebrar paradigmas e romper com o passado de estigmas, a literatura Afro-Brasileira contemporânea se caracteriza como uma ferramenta importante para manter viva a chama da ancestralidade. Milhares são os autores e autoras que estão contribuindo para o não apagamento da cultura afro, também destaque aqui, Conceição Evaristo que vem se configurando como uma voz de grande importância para o cenário literário atual, pois expõe a figura do negro periférico com o objetivo de criticar o sistema opressor, realizando através de sua narrativa denúncias sociais bem como acontecimentos corriqueiros do dia-a-dia, além de suas personagens que servem de base para indicar as inúmeras mazelas que atravessam o corpo dos pretos fora da ficção. Para a autora, o ato de escrever é doloroso, mas lhe dá prazer:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (EVARISTO, 2005, p. 202).

Ao realizar uma leitura mais atenta, o leitor percebe que são raras as representações de personagens brancas nas narrativas evaristianas, quando há, estão sempre ocupando um espaço de poder, mas, ao mesmo tempo, sendo coadjuvantes. Os brancos são os donos das terras, as patroas e patrões, uma voz que entrega carta ou ofícios a mando da prefeitura, policiais, dentre outros sujeitos, são descritos sob o olhar do negro protagonista presente na cena. A branquitude sempre esteve em evidência ao ocupar o topo da pirâmide social, esse fato é incontestável, em contrapartida, a ficção como representação do real também não exclui essa realidade marcada ao longo da história, apesar disso, em tom de denúncia, a escritora

evidencia o poder que essa classe privilegiada exerce sobre o corpo e a vida dos não-brancos.

Refletir em torno dessas questões se configuram como um tema importante para ser debatido em nossa sociedade e no espaço acadêmico, visto que poética da autora em questão, reitero, traz consigo a função de denúncia social, essa denúncia não apenas no tocante à violência física e psicológica que assola a vida dos negros caricaturados em personagens, mas também ao apagamento da cultura, da religião e identidade dos afrodescendentes. Após mais de um século que a “liberdade” nos foi concedida, os barracos, morros, favelas e as ruas ainda figuram como o espaço de moradia daqueles que representam uma parcela maior em nossa população.

Dialogando sobre si e o outro, Conceição Evaristo foca a sua poética nos dilemas vividos pelos afrodescendentes numa sociedade que não só os exclui, como também tenta maquiagem o preconceito racial. Seus contos mostram ao leitor qual a cor da pobreza ao abordarem as anomalias experienciadas pela classe que habita a periferia brasileira, caminhando pelo bordel na figura de Duzu-Querença ao amor marginal materializado em Ana Davenga, ambas personagens do livro *Olhos D'água* (2016). A autora mescla o passado com o presente evidenciando a favela como ela realmente é sem se afastar do lirismo característico das obras literárias.

3 PERIFERIA E VIOLÊNCIA NA LITERATURA

3.1 Pobreza e criminalidade na literatura

A criminalidade no Brasil vem se agravando de forma desordenada desde o século XX, comprometendo, assim, o bem-estar dos que aqui residem. As consequências dessa prática refletem diretamente no modo de viver dos cidadãos, causando medo, insegurança e indignação, além de causar impactos negativos no âmbito social e econômico.

A pobreza carrega consigo várias faces e interpretações, porém, o mesmo núcleo: a ausência do cumprimento das necessidades básicas do indivíduo ou grupo. Já a criminalidade é uma prática social que ocorre em determinado espaço e tempo afetando a integridade física, psicológica e moral de quem a sofre.

A literatura contemporânea permite infinitas possibilidades de escrita e formas, possibilitando ao leitor, a experimentação de uma realidade distinta ou desconhecida até então por ele. Sabendo que a pobreza e a criminalidade se caracterizam como problemas enraizados no meio social desde a formação do país, os textos literários se configuram como um veículo discursivo complexo que carrega a missão de incomodar, indagar e fazer refletir.

Com o aumento crescente da violência no mundo globalizado, bem como a opressão esmagando as relações sociais, surge a necessidade de trazer essa pauta para a ficção. Autores e autoras dotados de certa sensibilidade e lugar de fala, a exemplo de Conceição Evaristo, dramatizaram em suas obras a complexidade dos que vivem abastados e excluídos da sociedade.

As narrativas que tratam dessa temática são curtas e sucintas, assim como a vida das personagens ali representadas. Beatriz Resende pontua:

Há, na maioria dos textos, a manifestação de uma urgência, de uma presentificação radical, preocupação obsessiva com o presente que contrasta com um momento anterior, de valorização da história e do passado [...] O que interessa, sobretudo, são o tempo e o espaço

presentes, apresentados com a urgência que acompanha a convivência com o intolerável (RESENDE, 2008, p. 27).

A fragmentação das narrativas ilustra as várias partes de um mesmo sujeito interseccionalizado por diversos marcadores sociais que habita em um espaço urbano desgastado, sujo e pobre. Envoltos por experiências cotidianas, memórias da infância e vivência dos marginalizados, Conceição Evaristo materializa em suas obras as situações precárias que acometem os negros periféricos. Reitero, os contos da autora não só ilustram a violência e situações de extrema pobreza, como traz o retrato social marcado pela falta de acesso aos bens culturais e de lazer; condições econômicas, questões de gênero e racial.

No conto *Ana Davenga* presente no livro *Olhos D'água* (2016), por exemplo, a realidade social é marcada pela vulnerabilidade que acomete o casal morador da favela. Davenga, homem, negro e chefe de uma organização criminosa, no qual utilizava o seu barraco para a realização de reuniões com seu bando, se mantinha com Ana através do ganho de dinheiro proveniente de roubos, mas ainda assim, permaneciam pobres; ambos foram assassinados durante uma operação policial. Ana, estava grávida e acabara de comemorar (pela primeira vez) seu aniversário de 27 anos. Nesta narrativa, nota-se a falta de importância dos corpos negros e o nível de exclusão em que eles se encontram. Não há a possibilidade de vivenciar o amor, tampouco sonho da maternidade, tudo isso se dá devido às condições econômicas e o espaço físico no qual as personagens estão inseridas.

O retrato da criminalidade também se faz presente no conto *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos* (2016). A menina sonhadora sai em busca da sua figurinha-flor mas acaba sendo atingida por uma bala perdida durante o conflito de gangues na qual o seu irmão faz parte: “Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina.”. (EVARISTO, 2016, p. 76). Na narrativa, Conceição Evaristo evidencia aos leitores que as crianças negras inseridas nas favelas estão mais vulneráveis à violência, uma vez que esse ambiente não fornece segurança o suficiente para aproveitar a infância com tranquilidade. No tocante à violência, Marilena Chauí diz:

A violência não é percebida onde se origina e onde se define como violência propriamente dita, isto é, toda a prática e toda a ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural, isto é, de ausência de direitos, é violência (CHAUÍ, 2017, p. 38).

A narrativa provoca angústia ao ilustrar a realidade nua e crua dessa classe menos favorecida, mas não é só isso, não é só na ficção que os negros têm seus corpos violados ou usados como escudo, segundo um levantamento do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2018): “No Brasil, todos os dias, 32 crianças e adolescentes morrem assassinados. De 1996 a 2017, 191 mil crianças e adolescentes de 10 a 19 anos foram vítimas de homicídio no Brasil, quase todos meninos, negros, moradores de favelas.”. A construção dessas e tantas outras narrativas sob o olhar feminino de Evaristo enquanto mulher e negra, mostra a verdadeira face da nossa sociedade, denunciando toda precariedade que acomete a vida dos afrodescendentes, estes, representantes de uma parcela significativa da nossa população.

Observa-se, porém, uma crítica ao sistema, pois, estando ciente de toda essa problemática não se preocupa em desenvolver políticas públicas voltadas para a redução da violência nos morros. Portanto, suas obras funcionam como um elo que liga os leitores ao espaço marginalizado retratado ali na ficção, mas, que não se distancia do real.

3.2 Literatura como denúncia social e violência como recurso estético-literário de Conceição Evaristo

Conceição Evaristo, vem trazendo suas contribuições poéticas à literatura contemporânea desde meados dos anos 90, transitando do conto ao romance, suas produções proporcionam ao leitor uma grande diversidade temática. A poética evaristiana é marcada pelo culto à etnia, resistência e memória afetiva dos afrodescendentes para com os seus ancestrais.

Inicialmente, a voz feminina se faz presente em grande parte de suas narrativas em tom de denúncia, desabafo ou reflexão. Em busca de afirmação e dignidade, o espaço periférico habitado por crianças, moradores de rua, bandidos, prostitutas e domésticas, é descrito como um ambiente hostil e muito violento. Em seu estudo sobre “Poesia e ficção na autobiografia”, Antônio Candido afirma que:

[...] mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na no todo ou em parte como se fosse produto da imaginação, graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia [...] (CANDIDO, 1989, p. 51).

Embora se trate de textos literários, as histórias contadas ali expressam uma realidade que grande parte das vezes ignoramos ou desconhecemos. O prazer que Conceição sente ao escrever sobre as lutas e dificuldades enfrentadas pelos negros advém da necessidade de colocar para fora emoções que ficaram contidas no seu íntimo desde o tempo da infância, surge então, a denúncia coletiva como marca estética do seu projeto literário.

A voz que ecoa através da escrevivência presente na literatura afro-brasileira de Evaristo e tantos outros, chega aos ouvidos dos leitores como uma voz que brada a libertação e denuncia a violência que insiste em alvejar nossos corpos. Constância Lima Duarte é assertiva em relação às obras da autora supracitada:

Os contos de Conceição Evaristo parecem trazer a expressão de um novo paradigma. Escrita de dentro (e fora) do espaço marginalizado, a obra é contaminada da angústia coletiva, testemunha a banalização do mal, da morte, a opressão de classe, gênero e etnia, e é porta-voz da esperança de novos tempos. (DUARTE, 2010, p. 233)

No que se refere a violência, o livro de contos *Olhos d'água* lançado em 2014 pela editora Pallas se consagra como uma das obras mais conhecidas de Conceição Evaristo, reunidos numa coletânea de 15 contos, o livro proporcionou a autora o terceiro lugar no prêmio Jabuti - uma tradicional premiação literária ligada a Câmara Brasileira do Livro. Dispostas em 116 páginas, as narrativas abordam temas do cotidiano, com enfoque nas experiências de vida dos negros, sobretudo mulheres periféricas.

O "brutalismo poético", termo criado por Eduardo Duarte para caracterizar as obras literárias que carregam uma linguagem mais dura e sucinta, porém, que não se distancia da linguagem poética, está explícito na obra *Olhos d'água* (2016). Conceição presenteia o leitor com situações cotidianas imperceptíveis se não estivessem materializadas no universo literário.

Ao se configurar como tema central da obra, a violência urbana mostra a sua face através de várias situações, na qual podemos elencar: assalto a ônibus, linchamento, criança vítima de bala perdida, tráfico de drogas, dentre outras. Representando uma importante voz no meio acadêmico e literário, Conceição Evaristo faz de sua poesia a sua própria voz enquanto mulher, negra e periférica e porta-voz daquela classe que permaneceu silenciada durante muitos anos.

Aqui, a autora se afasta de uma realidade ficcional fazendo questão de expor, sem censura, como é a realidade de uma pessoa negra posta à margem pela sociedade racista e medíocre na qual estamos inseridos. Inicialmente, o primeiro conto, que leva o nome do livro, narra a história de uma mulher que se perdeu dentro de si ao tentar lembrar a cor dos olhos da sua mãe "Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe?". (EVARISTO, 2016, p. 15). Ao mesmo tempo que busca recuperar em sua memória os traços físicos da mãe, o eu-lírico imerge nas lembranças da infância, relembando e reafirmando, assim, a sua origem.

Os contos, em sua maioria, recebem o nome da personagem protagonista. Nomes comuns, de matriz africana ou apelido, são usados para caracterizar a fome, a miséria e o desamparo que atinge a vida do indivíduo negro. Na narrativa *Di-Lixão*, somos apresentados ao menino de rua sem mãe, que sente a sua vida se findar devido a uma intensa dor de dente. A dor de dente do garoto se mistura com a revolta causada por não ter a mãe presente quando esta estava viva. "O dente latejou fundo no profundo da boca. Dor de dente matava? Não sabia. Sabia porém que ia morrer. Mas isto também, como a morte da mãe, pouca importância tinha. [...]". (EVARISTO, 2016, p. 79).

Sendo caricaturado como um ser qualquer, caído no chão com um fio de sangue que lhe escorria pela boca, o corpo de Di Lixão foi recolhido pelo carro da polícia sem paradeiro definido na obra.

Interpreta-se a pobreza a partir da generalização de caracterizações parciais. Essa lógica ainda se faz presente quando se reduz a história da infância à da infância abandonada, quando a criança pobre é identificada como menino de rua, que, por sua vez, torna-se sinônimo de trombadinha, ou menor infrator, reproduzindo a concepção de pobreza forjada nos moldes das concepções assistenciais do início do século. (KUHLMANN JR, 2010, p. 27-28).

Evaristo não mede as palavras ao descrever quão complexa é a existência dos que são marginalizados, ao mesmo tempo que se encontram na posição de vítima, as suas personagens assumem o papel também de protagonista. Além de descrever o quão doloroso é dividir a vida com a desigualdade, crimes e violências a voz da escritora enquanto indivíduo se faz audível em seus contos, a professora Rosemere Ferreira da Silva afirma:

Neste processo de criação, as vivências são as experiências de existência de um dado sujeito ou do sujeito e de seu coletivo

transpostas para o texto literário. No entanto, a escritora não se coloca a falar de qualquer sujeito. Ela constrói narrativas para sujeitos que teoricamente estariam à margem da cultura da modernidade. (SILVA, 2017, p. 20).

Dessa maneira, apesar de a literatura afro-brasileira e feminina ser negligenciada nos currículos escolares, é inegável, portanto, que a escritora Conceição Evaristo representa para a literatura nacional um canal de denúncias voltado aos leitores que desejam sentir na pele — mesmo que seja em tom poético, como é habitar um corpo negro marginalizado.

4 UMA LEITURA DE ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS

Como já mencionado em outra parte deste artigo, sem se desvencilhar da postura poética, grande maioria dos contos presentes na obra *Olhos d'água* denunciam a vulnerabilidade dos negros habitantes das favelas.

A narrativa *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos* (2016) aborda uma questão delicada e pouco comentada em nossa sociedade: A violência exacerbada que atinge as crianças negras periféricas. O estado, órgão responsável pela segurança, organização e bem-estar coletivo, se mostra omissivo no tocante a essa problemática. A ausência de políticas públicas e o não cumprimento dos direitos básicos das crianças estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), contribui para o aumento significativo das mais variadas formas de violência que acomete os infantes.

Durante muitos séculos a infância não foi sujeito de direitos. Ela era simplesmente algo à margem da família, considerada como um vir a ser. Só era considerada sujeito quando chegava a idade da razão. A igreja, durante muito tempo, também pensou assim. Hoje, a criança, pelo seu momento social, já é considerada como alguém que tem sua própria identidade, seus direitos. (ARROYO, 1994, p. 89).

A morte da menina negra Ágatha Felix de 8 anos em 2019 e de Kevin Lucas de 6 anos em janeiro de 2022, ambas vítimas de balas perdidas cujas famílias acusam a polícia do Rio de Janeiro, são exemplos de crimes que ganharam visibilidade na mídia e denunciam o despreparo que as autoridades têm ao lidar com as vidas das crianças periféricas, uma vez que ambos moravam em comunidades.

A interrupção brutal da vida dessas e tantas outras crianças não são casos isolados, segundo os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021 publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os dados de Morte Violentas Intencionais (MVI) envolvendo crianças de 0 a 11 contabilizam um total de 248 mortes. Se caracterizam como mortes violentas intencionais o feminicídio, homicídio doloso, mortes decorrentes de ação policial, lesão corporal e latrocínio. Reunindo os dados analisados temos as crianças de cor negra representando um total de 66,3% das vítimas, os brancos somam 31,3% e outros aparecem na porcentagem de 2,4%. Em relação ao sexo, os meninos representam um total de 58,9% e as meninas 41,1%, metade das mortes acontecem por armas de fogo. Tomando como base os dados citados acima e aqueles que não foram expostos ou sequer contabilizados podemos perceber como a sociedade banaliza a existência da criança negra.

Usando a sua ficção como representação do real, Conceição Evaristo personifica através de Zaíta, a morte de Ágatha de Kevin e milhares de crianças que tiveram a suas vidas ceifadas “sem querer” pelo estado. A denúncia feita pela autora ecoa no íntimo do leitor fazendo com que este repense no papel que ocupa na sociedade.

O conto *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, se apresenta como uma narrativa bem estruturada de fácil compreensão. Retratando as tristezas e dilemas de uma família pobre que habita a periferia. A jovem mãe Benícia, consumida pelo trabalho incessante e temendo pela vida do filho que insiste em trilhar caminhos errados, demonstra a todo momento a falta de paciência com as meninas gêmeas, reclamando com frequência dos brinquedos que ficavam espalhados pelo chão.

A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito tempo depois, quando Benícia pensava que nem engravidaria mais. Entretanto, lá estavam as duas. Gêmeas. Eram iguais, iguaizinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento. (EVARISTO, 2016, p. 72)

Na história, a pobreza é um marcador estético de grande influência para o desenrolar da trama, as personagens estão condicionadas a ela sem ter a mínima chance de ascensão, fenômeno que colabora para que um dos irmãos da garota não aceite a situação social na qual se encontra, optando, assim, pela vida do crime. “Tinha um querer bem forte dentro do peito. Queria uma vida que valesse a pena. Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. Via os seus trabalharem e acumularem miséria no dia a dia. [...] (EVARISTO, 2016, p. 73). Mesmo trabalhando muito, o dinheiro da matriarca Benícia não era suficiente. A passagem a seguir marca a condição financeira em que a família se encontrava:

A mãe de Zaíta guardou os poucos mantimentos. Teve a sensação de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava metade do salário e não conseguira comprar quase nada. [...] (EVARISTO, 2016, p. 74)

O filho mais velho servia ao exército, mas, também passava por dificuldades financeiras, aceitando por vezes um pouco do dinheiro cedido pela mãe, esta, mesmo passando por dificuldades recusava a ajuda do outro filho, pois, sabia que tudo o que ele conquistava era de forma ilícita. Apesar de habitarem o mesmo lar, – os rapazes cujo nomes são omitidos na obra, aspiram desejos diferentes e não há um destino certo para a vida de ambos, “Os filhos mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também. [...]”. (EVARISTO, 2016, p. 72). Enquanto um sonha com uma promissora carreira militar, o outro desde criança vive em função do tráfico.

Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando. (EVARISTO, 2016, p. 74).

A vulnerabilidade na qual a família se encontra torna ainda mais evidente a discrepância social que segrega os negros marginalizados, tornando-os alvos fáceis das barbáries que acontecem nas favelas.

Voltando nossos olhares para a menina Zaíta, a protagonista, conseguimos sentir através das palavras a sua doçura e inocência de criança. A menina possuía uma figurinha “[...] que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores.” (EVARISTO, 2016, p. 71) e que guardava com muito cuidado, recusando por diversas vezes a troca com a sua irmã gêmea. A menina Zaíta carregava consigo um medo constante, percebia as mudanças no seu lar durante a noite quando o irmão apanhava a arma e a forma como a sua mãe ficava aflita ao ver aquela cena.

Imersos na dureza da vida que os rodeiam, as personagens provam da violência física e psicológica em todos os seus sentidos. Privados de viver a vida dignamente e tendo que se contentar com o mínimo, a família de Zaíta ilustra a realidade das famílias periféricas que são ofuscadas pelo estado e esmagadas pelo racismo estrutural.

Sentindo a ausência da figurinha-flor ao espalhar os brinquedos que vão desde partes de bonecas a palitos de fósforos, a busca incessante pela figurinha-flor entre becos os e vielas da favela foi interrompida pelo som das balas, na qual o corpo de Zaíta serviu como alvo. Em meio ao caos, correria e angústia, Naíta, que se diferencia da irmã gêmea apenas pela entonação da voz, ao ver aquela triste cena proferiu: “- Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos” (EVARISTO, 2016, p. 76). A figurinha-flor que a protagonista tanto estima e sai em busca de forma incessante, metaforiza os sonhos e aspirações que são roubados repentinamente sem a mínima chance de defesa ou culpa por parte da vítima.

Discorrendo sobre a classe marginalizada, “Evaristo traz à tona, na obra supracitada, o realismo do cotidiano” (PAIM e UMBACH, 2017, p. 179), evidencia-se, porém, a violência em seu sentido estrutural sendo característica marcada do local onde vivem, como também a psicológica, pois, a mãe impaciente por conta do trabalho em ritmo frenético abdica do cuidado para com as filhas, omitindo carinho, proferindo xingamentos e até mesmo destruindo os poucos brinquedos que elas possuíam.

Por fim, O estilo de vida da menina e de sua família, revela a condição cruel de milhares de brasileiros negros que resistem aos entraves do racismo estrutural e do sistema opressor. Conceição Evaristo não faz apologia à violência, contrário disso, por meio de suas narrativas que vitimam as crianças, homens e mulheres negros, ela resgata em sua memória episódios vivenciados no passado e também denuncia o modo pelo qual a violência urbana subtrai a infância, os direitos e os afrodescendentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação da literatura negra ou afro – brasileira – termos ainda discutidos pelos críticos literários, representa uma vitória à classe de escritores que tiveram suas obras invalidadas devido a influência do cânone literário e do racismo estrutural.

Os textos pertencentes a este rico acervo, remontam o passado sob o olhar daqueles que falam por si e de si, retratar a vivência dos sujeitos marginalizados através das palavras de quem experienciou tal realidade, escancara todo o histórico de repressão e violência sofrido pelos negros nos porões dos navios, nas cozinhas das casas grandes e nos barracos das favelas.

Conceição Evaristo, unindo a denúncia social ao seu lirismo poético, usa seu lugar de fala para personificar personagens que vivenciam de perto o drama da morte,

da angústia e experimentam as mais variadas formas de violência, essa, excepcionalmente, cada vez mais presente nas produções literárias da contemporaneidade.

Na obra escolhida como objeto de estudo, em sua totalidade, as crianças representam a pequena parcela da sociedade que não possui direito a voz, sendo necessário um alguém que fale por si. A literatura evaristiana atua como um projeto político, denunciando e salientando a vulnerabilidade que marca a infância da criança negra no Brasil, mas, enfatiza também que não há interesse, por meio das autoridades, em desenvolver políticas de enfrentamento e combate à violência, exploração sexual e trabalho infantil.

Considero que o conto *Záíta esqueceu de guardar os brinquedos* se constitui como uma leitura de extrema importância para aqueles que enxergam a literatura para além de uma atividade recreativa e buscam compreender o motivo de tais fenômenos, a exemplo da violência, insistir em vitimar na grande maioria das vezes, os corpos negros.

Refletir acerca das questões sociais trazidas pela autora é de caráter fundamental para podermos perceber como o racismo se estruturou no cotidiano e foi normalizado por todos. As consequências desse fenômeno refletem negativamente na vida da classe negra abastada lhes roubando a dignidade e o direito de existência.

Dessa forma, conclui-se que Conceição Evaristo e toda sua genialidade enquanto professora, poetisa e escritora, pretende com a sua literatura de resistência preservar a memória e todo histórico de luta dos afrodescendentes. Suas narrativas, presenteiam o negro com o papel de protagonista da própria história ao libertá-los da condição de subalternidade que lhe foi conferida há mais cem anos ao relacioná-los como símbolo de força e empoderamento.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2022. Fórum brasileiro de segurança pública, 2022. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

ARROYO, Miguel G. O significado da infância. In: **Anais do Simpósio Nacional de Educação Infantil**. Brasília, DF, 1994. Anais...Brasília, DF: MEC, 1994. p. 88-92.

CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios. Poesia e ficção na autobiografia**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários Escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CHAUÍ, Marilena. O mito da não violência brasileira. **Sobre a violência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 29-50.

CÔRTEZ, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 51-60.

DALCASTAGNÉ, R. (2011). **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004.** *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (26), 13–71.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afrobrasileira.** In: ALEXANDRE, Marcos Antônio; DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis (orgs.). *Falas do outro - literatura, gênero, etnicidade.* Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010. pp. 229-234.

DUARTE, Eduardo de Assis. **“O negro na literatura brasileira”.** *Navegações*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, 2013, p. 146-153.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras,** Belo Horizonte, Maio de 2009.

EVARISTO, Conceição. Di lixão. **Olhos d’água.** Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 77-80.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face.** In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora.* João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** *Scripta*, Belo Horizonte, n. 25, v. 13, 2. sem., 2009a, p. 17-31.

EVARISTO, Conceição. Olhos d’água. **Olhos d’água.** Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 15-19.

EVARISTO, Conceição. Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos. **Olhos d’água.** Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 71-76.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder/** Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Homicídio de crianças e adolescentes. UNICEF, 2018. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/homicidios-de-criancas-e-adolescentes>>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

PAIM, Luciana de Lima & UMBACH, Rosani Ketzer. **Duzu-Querença, Salinda e Luamanda: uma representação da violência contra a mulher em Olhos d’água,** de Conceição Evaristo.

PROENÇA FILHO, Domicio. (2004). **A trajetória do negro na literatura brasileira.** *Estudos Avançados*, 18(50), 161-193

REZENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Biblioteca Nacional, 2008.

SILVA, Rosemere Ferreira da. **Entre o literário e o existencial, a “escrevivência” de Conceição Evaristo na criação de um protagonismo feminino negro no romance Ponciá Vicêncio.** In: Revista Entreletras: Araguaína/TO, v. 8, n. 1. 2017.